



Meio Ambiente:

Impacto do Convívio entre Vegetação, Animais e Homens

Tiago da Silva Teófilo
Andréa Krystina Vinente Guimarães
Amanda Vasconcelos Guimarães
(Organizadores)

Atena
Editora

Ano 2020



Meio Ambiente:

Impacto do Convívio entre Vegetação, Animais e Homens

Tiago da Silva Teófilo
Andréa Krystina Vinente Guimarães
Amanda Vasconcelos Guimarães
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Meio ambiente: impacto do convívio entre vegetação, animais e homens

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Tiago da Silva Teófilo
Andréa Krystina Vinente Guimarães
Amanda Vasconcelos Guimarães

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M514 Meio ambiente: impacto do convívio entre vegetação, animais e homens / Organizadores Tiago da Silva Teófilo, Andréa Krystina Vinente Guimarães, Amanda Vasconcelos Guimarães. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-481-8

DOI 10.22533/at.ed.818202610

1. Meio ambiente. I. Teófilo, Tiago da Silva (Organizador). II. Guimarães, Andréa Krystina Vinente (Organizadora). III. Guimarães, Amanda Vasconcelos (Organizadora). IV. Título.

CDD 577

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A coleção “Meio Ambiente: Impacto do Convívio entre Vegetação, Animais e Homens” é uma obra dividida em dois volumes que aborda de forma ampla aspectos diversos do meio ambiente distribuídos ao longo de seus capítulos, como o desenvolvimento sustentável, questões socioambientais, educação ambiental, uso e tratamento de resíduos, saúde pública, entre outros.

As questões ambientais são temas importantes e que necessitam de trabalhos atualizados, como os dispostos nesta obra. Os capítulos apresentados servem como subsídios para formação e atualização de estudantes e profissionais das áreas ambientais, agrárias, biológicas e do público geral, por se tratar de temas de interesse global.

A divulgação científica é de fundamental importância para universalização do conhecimento, desse modo gostaríamos de enfatizar o papel da Atena editora por proporcionar o acesso a uma plataforma segura e consistente para pesquisadores e leitores.

Tiago da Silva Teófilo
Andréa Krystina Vinente Guimarães
Amanda Vasconcelos Guimarães

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NAS CIDADES: CONCEITOS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES - EM QUE MEDIDA CIDADES INTELIGENTES SÃO SUSTENTÁVEIS?

Claude Cohen

Carlos Eduardo Lopes de Oliveira

Vinicius Lima Dias

Bruno Franchini de Souza Leão

Ana Maria Carolina Silva Marroffino

Thiago Luiz de Souza Carvalho

Amanda Dias

DOI 10.22533/at.ed.8182026101

CAPÍTULO 2..... 16

ANÁLISE DE VARIÁVEIS SOCIOAMBIENTAIS RELACIONADAS À POPULAÇÃO QUE RESIDE EM ÁREA DE RISCO

Nilva Lúcia Rech Stedile

Débora Nunes Pinto

DOI 10.22533/at.ed.8182026102

CAPÍTULO 3..... 25

PARQUES PÚBLICOS E CONDIÇÕES SOCIOAMBIENTAIS DA POPULAÇÃO: ESTUDO COMPARATIVO NO MUNICÍPIO DE MAUÁ-SP

Marcela Hiluany

Leonice Domingos dos Santos Cintra Lima

DOI 10.22533/at.ed.8182026103

CAPÍTULO 4..... 38

IMPACTOS AMBIENTAIS PROVOCADOS PELA PRÁTICA ESPORTIVA DO MOTOCROSS EM IPAMERI-GO

Rosângela Lopes Borges

DOI 10.22533/at.ed.8182026104

CAPÍTULO 5..... 51

ELABORAÇÃO DO PLANO DE GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS SÓLIDOS (PGRS) NO CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DA UTFPR – APUCARANA

Valquíria Aparecida dos Santos Ribeiro

Andrea Sartori Jabur

Ana Claudia Ueda

DOI 10.22533/at.ed.8182026105

CAPÍTULO 6..... 60

AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS NO MUNICÍPIO DO CRATO-CE

Camila Esmeraldo Bezerra

Joelma Pereira da Silva

Aparecida Regienne Gonçalves de Alcantara
Anielle dos Santos Brito
Alef Jakson Santos
Maria Regilene Gonçalves de Alcantara
DOI 10.22533/at.ed.8182026106

CAPÍTULO 7..... 74

EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA NA ÁREA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL
COM UM ENFOQUE GLOBALIZADOR A PARTIR DO TEMA RESÍDUOS:
CONTRIBUINDO PARA UMA METODOLOGIA EDUCATIVA AMBIENTAL CRÍTICA
E TRANSFORMADORA

Cassiara Maísa Pech
Luiz Carlos Robinson

DOI 10.22533/at.ed.8182026107

CAPÍTULO 8..... 79

USO DOS METAIS PESADOS E OS IMPACTOS NOS BIOMAS BRASILEIRO

Jaqueline Araújo da Silva
Daniely Alves Almada
Luiz Fernando Aguiar Junior
Sebastião Ribeiro Xavier Júnior
Maria Auxiliadora Feio Gomes
Helena Joseane Souza Raiol
Marta César Freire Silva
Ana Catarina Siqueira Furtado
Edilzane Almeida Corrêa
Marcelo Antonio Jose de Mesquita
Taís Amaral Pires dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.8182026108

CAPÍTULO 9..... 92

RESENHA CRÍTICA SOBRE O DOCUMENTÁRIO - A INDÚSTRIA DO ALUMÍNIO –
A FLORESTA VIRADA EM PÓ

Emanoel Ferdinando da Rocha Jr
Cicera Maria Alencar do Nascimento
Mabel Alencar do Nascimento Rocha

DOI 10.22533/at.ed.8182026109

CAPÍTULO 10..... 109

AVALIAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE BALNEABILIDADE DA PRAIA DO
FORMIGUEIRO NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIBEIRÃO SÃO JOÃO NO
MUNICÍPIO DE PORTO NACIONAL - TOCANTINS

Angelo Ricardo Balduino
Leonice Domingos dos Santos Cintra Lima
Cynthia Souza Oliveira
Albano Dias Pereira Filho

DOI 10.22533/at.ed.81820261010

CAPÍTULO 11.....117

TERRITÓRIO EM CONFLITO: O CASO DA COMUNIDADE PANTANEIRA BARRA DE SÃO LOURENÇO

Jacir Alfonso Zanatta
Sílvia Santana Zanatta
André Luiz Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.81820261011

CAPÍTULO 12..... 126

PRÁTICAS PERMACULTURAIS: IMPACTOS AMBIENTAIS POSITIVOS DESENVOLVIDOS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ PARA APLICAÇÕES NO SEMIÁRIDO

Marcos Adelino Almeida Filho
Lucas Farias Pinheiro
Yuri Pereira Barbosa
Aline Ariela Passos Lisbôa Pereira
Lívia Maria de Andrade Araújo
Oriél Herrera Bonilla

DOI 10.22533/at.ed.81820261012

CAPÍTULO 13..... 134

APROVEITAMENTO DE BIOMASSA EM BIODIGESTORES NA CRIAÇÃO DE SUÍNOS DA REGIÃO OESTE DO PARANÁ: IMPACTOS AMBIENTAIS

Debora Regina Marochi de Oliveira
Jaqueline Fernanda Meireles
Cleber Antonio Lindino
Reinaldo Aparecido Bariccatti

DOI 10.22533/at.ed.81820261013

CAPÍTULO 14..... 147

ANÁLISE DA ARBORIZAÇÃO NO CENTRO URBANO DA CIDADE DE BARREIRAS – BAHIA: UM RECORTE AMOSTRAL

Janderson Hiago Guimarães dos Santos Rodrigues
Fábio de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.81820261014

CAPÍTULO 15..... 155

ESTUDO DA GESTÃO DA LOGÍSTICA REVERSA DO RESÍDUO DO COCO VERDE PÓS-CONSUMO NO LITORAL DE SANTA CATARINA - SC

Ana Cristina Curia
Lisiane Kleinkauf da Rocha
Regina Célia Espinosa Modolo
Adriane Brill Thu
Carlos Alberto Mendes Moraes

DOI 10.22533/at.ed.81820261015

CAPÍTULO 16..... 169

ESTUDO DA SÍNTESE E DEGRADAÇÃO DE BIOPLÁSTICOS COM MATÉRIA

PRIMA DE ORIGEM VEGETAL: UMA ALTERNATIVA SUSTENTÁVEL

Paloma Nair Ferreira Fidalgo

DOI 10.22533/at.ed.81820261016

SOBRE OS ORGANIZADORES 174

ÍNDICE REMISSIVO..... 175

CAPÍTULO 11

TERRITÓRIO EM CONFLITO: O CASO DA COMUNIDADE PANTANEIRA BARRA DE SÃO LOURENÇO

Data de aceite: 01/10/2020

Jacir Alfonso Zanatta

Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)
Campo Grande-MS
<http://lattes.cnpq.br/0694810432645761>

Silvia Santana Zanatta

Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)
Campo Grande-MS
<http://lattes.cnpq.br/4444601050009258>

André Luiz Siqueira

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
(UFMS)
Ecoa-Ecologia e Ação
Campo Grande-MS
<http://lattes.cnpq.br/0852857422462863>

RESUMO: O trabalho em questão é uma inscrição narrativo-teórica que pretende apresentar o conflito existente numa das comunidades mais isoladas do Brasil. O objetivo é ver e fazer ver a luta diária pela sobrevivência e a dinâmica de exploração e exclusão que os moradores da comunidade estão sendo postos todos os dias. No Pantanal não tem só bicho e planta, além da fauna e da flora existe gente. Gente que sofre e leva uma vida dura. No caso da comunidade ribeirinha da Barra do Rio São Lourenço, o pequeno grupo de 22 famílias que foi expulso da área que ocupava por conta da criação de Unidades de Conservação (UCs), hoje luta para fazer valer seu direito.

PALAVRAS-CHAVE: Pantanal. Conflitos. Território. Comunidade.

CONFLICT TERRITORY: THE CASE OF THE WETLAND COMUNITY 'BARRA DE SÃO LOURENÇO'

ABSTRACT: This work is a narrative-theoretical inscription that intends to present the existing conflict in one of the most isolated communities in Brazil. The goal is to see the daily struggle for survival and the exploration and exclusion dynamic that the residents of the community are in every day. In Pantanal there are not just animals and plants, besides the fauna and the flora there are people. People that suffers and have a hard life. In the case of the ribeirinha community of the Barra do Rio São Lourenço, the small group of 22 families that was expelled of the area that they lived because of the creation of the Unities of Conservation (UCs), struggle today to assert your right.

KEYWORDS: Pantanal. Conflict. Territory. Community.

1 | INTRODUÇÃO

A palavra Pantanal, por vezes, faz nascer na mente das pessoas a ideia de perfeição, de graça, de encanto, de algo quase indefinível. Categoricamente, fauna e flora imperam, sufocam qualquer coisa além delas mesmas. Pantanal para muitos é bicho, mato, onça, peixes e rios. A intenção deste trabalho não é tentar descompor esse cenário tão harmônico, mas mostrar que o Pantanal vai muito além. No Pantanal existe também o homem Pantaneiro.

Especificamente, vamos abordar os

conflitos existentes na comunidade Barra de São Lourenço. Localizada na margem esquerda do Rio Paraguai, na região da Serra do Amolar, a comunidade Barra de São Lourenço está situada numa das regiões de mais difícil acesso do Pantanal. Escondido nas entranhas no Pantanal, o povo que dá vida a esse pequeno aglomerado de casas é simples, vivem da pesca e da coleta de iscas vivas e preservam costumes centenários.

Mas, é preciso estar atento ao alerta feito por Maffesoli (2007) quando defende que algumas investigações exigem que o pesquisador rompa com o círculo virtuoso das análises óbvias. Foi exatamente o que aconteceu durante o processo de contato com a realidade encontrada na comunidade da Barra do São Lourenço. A forma como são excluídos, explorados e tratados com descaso pelo poder público fez com que as manifestações verbais dos sujeitos desta pesquisa chegassem como sussurros e gemidos aos ouvidos deste pesquisador.

As comunidades tradicionais existentes no Pantanal acabam sendo esquecidas pelos pesquisadores que geralmente optam por estudar e defender a fauna e a flora, deixando de lado, muitas vezes, a população existente na região, como se eles não fizessem parte do Pantanal. O Pantanal é uma região que vive condições naturais e socioculturais adversas. É uma região que pede leveza e flexibilidade daqueles que se dispõem a entrar em seu território ou que se propõem a pesquisá-lo.

Observando atentamente os moradores da comunidade da Barra do São Lourenço, é possível perceber que a exemplo das águas, eles aprenderam a ocupar os lugares vazios e a contornar os obstáculos. Emoção, dor, sofrimento e exploração do ser humano fazem parte do dia a dia da comunidade. Por isso, é necessário afeto e sensibilidade para investigar uma comunidade ribeirinha que vive numa região de difícil acesso e que não possui as mínimas condições de cidadania.

Antes de entrar na temática do conflito é importante compreender o significado do que vem a ser o Pantanal. Pode-se afirmar com certeza que o Pantanal é a maior planície alagável do planeta, com aproximadamente 140 mil km². Também é importante ressaltar que Pantanal é a denominação que se dá a uma grande porção de terra banhada por um complexo hidrográfico formado por centenas de rios que nascem nos planaltos e deságuam no rio Paraguai. Brum (2001) descreve o Pantanal como possuindo matas ciliares mais ou menos homogêneas, savanas arborizadas e campos inundáveis com vegetação flutuante. O ciclo das águas, comum no Pantanal, ocorre entre os meses de novembro e março, quando aproximadamente 80% do território ficam inundados com águas rasas. As enchentes e vazantes impressionam quem não conhece o fenômeno. No entanto, trata-se apenas da preservação natural da biodiversidade. Características como isolamento, inundações constantes, clima inóspito e agreste, garantem o status de um dos biomas mais preservados do

mundo, apesar de ter sido ocupado pelo homem há mais de 300 anos.

O Pantanal foi reconhecido pela Constituição de 1988 como Patrimônio Ecológico e tido como Reserva da Biosfera Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). A paisagem ajuda a classificar o Pantanal por sub-regiões com distintos regimes hídricos, distribuição de fauna e flora e características geológicas e químicas. O primeiro grande programa que realizou estudos e diagnósticos sobre a região foi o Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai (PCBAP). Foi por meio dele que o Pantanal foi dividido em 11 áreas diferentes conhecidas como Pantanal de: a) Barão de Melgaço; b) Paraguai; c) Taquari; d) Poconé; e) Cáceres; f) Paiaguás/Nhecolândia; g) Aquidauana; h) Abrobral/Rio Negro; i) Miranda; j) Nabileque e k) Porto Murtinho. A comunidade da Barra do São Lourenço está situada no Pantanal do Paraguai.

2 | METODOLOGIA

Como metodologia foi utilizada a análise qualitativa, com observação participante. No entanto, é importante esclarecer que a metodologia usada para a investigação é uma síntese entre a etnografia e a pesquisa heurística, caracterizando-se como uma descrição densa, mas também como a elaboração de uma experiência de contato. É apresentada uma narrativa bastante impregnada dos fragmentos de memórias e de avaliações de moradores, caracterizando a gênese da comunidade como uma luta entre a desterritorialização e a construção de uma experiência complexa, ligada ao extrativismo e à luta pela conservação de valores e de vínculos internos.

Desenvolver uma pesquisa qualitativa, com observação participante dentro do viés da pesquisa heurística é levar em consideração o fato de que o senso comum não desaparece e não é jamais substituído pela ciência, como quis o espírito da modernidade e o projeto do Iluminismo. Percebe-se assim, que os saberes de diferentes esferas reconstituem e redefinem tanto o senso comum como o saber científico. Nesta mesma perspectiva Chaves e Silva (2011) argumentam que existe uma objetividade, um rigor lógico e metodológico, e uma teorização abstrata que caracterizam as ciências e o pensamento erudito. Desta forma, Chaves e Silva (2011, p.349) definem método como uma “postura científica, valorizando e aplicando o rigor metodológico, tanto em suas coletas quanto nas suas análises, conferindo consistência às suas reflexões”. Desta forma, a ligação existente entre os processos sociais concretos e cotidianos com a produção científica não deve ser pensada como um aspecto desvinculado da sociedade.

Chaves e Silva (2011, p.348) defendem ainda que “a ciência não é produzida apenas nos laboratórios, mas acontece na própria realidade”. É importante observar

aqui, que esta pesquisa teve que se reinventar no contato com a realidade. Percebe-se assim, que a cultura, sistemas políticos, econômicos, enfim, a sociedade como um todo vai direcionar os aspectos a serem investigados pela ciência.

Para Lüdke e André (1986) a pesquisa qualitativa supõe contato direto do pesquisador com os sujeitos da pesquisa e com a situação na qual a pesquisa está sendo desenvolvida. Por isso, ao se trabalhar com o método qualitativo, é importante estar atento às circunstâncias em que os objetos da pesquisa se inserem, uma vez que os dados coletados são predominantemente descritivos. Percebe-se, então, que o material da pesquisa qualitativa é rico na descrição das pessoas, situações e acontecimentos. Esta investigação mostrou que o processo de reprodução da realidade não significa cópia, mas é uma forma de romper com uma visão linear e tentar criar novas possibilidades e interpretações dos caminhos percorridos pela ciência, que constantemente toma novos rumos em seu curso de construção e desconstrução.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

É pensando nos moradores da Barra do São Lourenço que este texto foi construído. Pessoas que se vêem obrigadas a lutar diariamente para simplesmente conseguirem permanecer no lugar onde nasceram. Este texto é um pequeno recorte de um dos tantos conflitos territoriais que hoje existem no Pantanal brasileiro, envolvendo comunidades tradicionais pantaneiras e “áreas naturais protegidas”. Para chegarmos ao ponto de maior interesse sobre o conflito que envolve a comunidade e áreas protegidas na região da Serra do Amolar é necessário esclarecer ao leitor que até o final dos anos de 1980, a tônica do movimento ambientalista brasileiro e das políticas públicas relacionadas à gestão ambiental, em geral, pautava-se por uma visão centrada na superioridade da natureza sobre a espécie humana.

Percebe-se que a criação de espaços naturais protegidos, ou Unidades de Conservação (UCs), era uma das principais estratégias da política ambiental brasileira baseada no modelo biogeográfico de “ilhas de diversidade” iniciada, segundo Martinz (2009), na década de 30. Dito de outra forma, as UCs desse período eram criadas sob um regime de “proteção integral”, onde não se admitia a permanência humana de nenhuma natureza. Foi a partir dessa política do Estado brasileiro que os conflitos se iniciam. O problema está no fato de que definir oficialmente Unidades de Conservação apenas pela incidência de espécies e operar com as categorias cadastrais censitárias convencionais significa incorrer no equívoco de reduzir a questão ambiental a uma ação sem sujeito.

Isso significa que apesar de Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) que é uma das categorias de Unidades de Conservação, serem categorizadas no

Sistema Nacional de Unidades Conservação (SNUC) como sendo de uso sustentável, toda e qualquer atividade humana, exceto pesquisa científica e ecoturismo é vetada. No entanto, estamos tratando de áreas tropicais brasileiras, como o Pantanal, onde movimentos sociais como as comunidades tradicionais, apresentam-se como um fator de existência coletiva que contesta esta insistência nos procedimentos operativos de ação sem sujeito.

No caso da região da Serra do Amolar e da Comunidade da Barra de São Lourenço o reflexo desta política ambiental conservacionista iniciou-se em 1995, quando uma Organização Não Governamental (ONG) americana chamada de *The Nature Conservancy*, comprou as fazendas Acurizal, Penha e Rumo Oeste - propriedades agropecuárias que juntas somavam aproximadamente 55 mil hectares -, e as repassou para a Fundação de apoio a vida nos trópicos (Ecotrópica), uma ONG brasileira com sede em Cuiabá, no Estado de Mato Grosso. A partir da compra, as fazendas foram decretadas RPPN e iniciou-se o processo de gestão das propriedades pela Ecotrópica. Segundo relatos dos moradores da Barra do São Lourenço após a aquisição das fazendas em 1995 as famílias começaram a ser expulsas dos locais onde residiam e onde tinham nascidos.

Leonora Aires Brito¹, uma das moradoras mais antigas da Barra de São Lourenço, dá alguns detalhes do que aconteceu naquela época:

Meu esposo pelotiava, ajudava o caseiro a rastilhá, carpi, tacá fogo no mato, pegá lenha e a mantê o zelo dos rancho. Nós morava lá e vivia daquilo. Tinha época que o serviço aumentava, nós tinha que limpá a invernoada, era muito bão. Mas, com o tempo, aquilo ali foi vendido pra um outro povo que pegô aquilo ali pra se um parque de ecologia.

Ai logo que eles compraram, veio um tal de Divino, antigo piloto da fazendo, dando o aviso. Ele chegou e disse assim: 'Olha eu vim aqui porque os donos mandaram avisá vocês que agora essa terra é uma reserva e que eles não qué que corta mais um gaio de pau, eles não qué mais que roce, que queime, que mais nada e que vocês desocupem o lugar'.

Na hora eu pensei: pra onde nós vai se esse é nosso trabalho? Naquele ano, o turismo ainda não era forte na região, e nós não tinha nem onde morá. Nem paia e pau nós pudemo cortá pra montá nossas casa. Nossa sorte foi que o cumpadi Vando morava aqui nessa ilha e convidô nós pra vim pra cá. Embarcamo na nossa canoa e viemo, depois o resto do povo começou a vim e limpá cada um o seu pedaço de terra. Lembro como se fosse hoje, aquela mosquitada, aquela chuva...

¹ Entrevista feita com Leonora Aires Brito em uma das visitas feitas à comunidade. A identificação da entrevistada é uma solicitação feita e autorizada pela mesma.

Nóis emprestamo do cumpadi Vando um pedaço de lona, fincamo uns pau. Quando a chuva parava, nóis continuava o trabalho... Aquele capinzal sujo, a tempo de ter uma cobra, as criança chorando por causa dos mosquitos. Dava até um desespero, nóis não tinha mais nenhuma parede, nóis não tinha mais nada. (Leonora Aires Brito)

É importante salientar que estamos falando de antigas fazendas de gado onde grande parte das áreas estavam e ainda estão (atualmente RPPN Penha e Acurizal), dentro do regime de inundação do rio Paraguai, ou seja, Áreas de Preservação Permanente (APP) sob domínio da União. É nestas áreas circunvizinhas as propriedades, nas margens do rio Paraguai em braços do rio e corixos, que residiam os núcleos familiares da comunidade da Barra do São Lourenço.

Em 1995 durante uma viagem organizada e com a participação de um grupo de organizações ambientais, incluindo a ONG Ecoa-Ecologia e Ação, WWF, International Rivers entre outras, foi observada famílias no que hoje é a comunidade da Barra do São Lourenço saindo da margem direita do rio (atualmente RPPN Penha e Acurizal), em pequenas embarcações. Observação que bate com o período de aquisição das RPPNs e da expulsão segundo os moradores locais, que desde então enfrentam inúmeras dificuldades no acesso de seu território, no exercício de suas atividades tradicionais como a coleta de iscas-vivas, a pesca, extração de produtos da biodiversidade e até de sobrevivência, desde palha para cobrir as casas a frutos nativos e o acesso a água potável em períodos intensos de “decoada”². A partir deste momento, grande parte do território onde a comunidade estava instalada foi proibida ao uso, tanto para atividades de subsistência quanto econômica, dando início a um grande período de conflitos.

A reivindicação das famílias da comunidade da Barra do São Lourenço é sobre as áreas das reservas particulares, na qual se sobrepõem ao que elas consideram como território. Além disso, ações orquestradas pelas Reservas Particulares do Patrimônio Natural em nome da “*Rede de Proteção e Conservação da Serra do Amolar*”, - uma parceria entre organizações proprietárias de terras destinadas a ações conservacionistas ao longo do eixo do rio Paraguai em Mato Grosso do Sul e Mato Grosso - como rondas de barco feitas por grupos de funcionários da ONG Instituto Homem Pantaneiro (ONG integrante da Rede) a cada quinze dias nas proximidades da comunidade para tirar fotos e monitorar as atividades da mesma, aumenta em muito a tensão. Ficando evidente assim que tanto para o Instituto Homem Pantaneiro quanto para a “Rede de Proteção” as atividades econômicas e de subsistência praticadas pelas famílias da Barra do São Lourenço assim como demais comunidades é uma ameaça.

É comum o relato da comunidade sobre situações como intimidação,

² Processo intenso de decomposição realizado pelas bactérias, capaz de consumir todo o oxigênio dissolvido na água, liberando o dióxido de carbono livre.

proibição da pesca nas baías e corixos do rio Paraguai, abordagens aos pescadores em suas embarcações, além dos moradores sofrerem com o constante registro de falsas denúncias de crimes ambientais, gerando constrangimento e sérios prejuízos financeiros às famílias da região. Situação ambígua, já que umas das organizações partícipes da “Rede de Proteção” a Ecotrópica tem como missão a “*melhoria do relacionamento do homem com o meio ambiente*”. Mas, o que se vê na prática é que para melhorar a relação do homem com o ambiente, a Ecotrópica opta por expulsar os moradores do Pantanal do meio que vivem.

O conflito e a forma de tratar a questão é tão desleal que recentemente chegou-se a ser encomendado, para dar peso de cientificidade as discussões, a publicação de um livro intitulado “*Biodiversidade e ocupação humana do Pantanal Mato-Grossense: Conflitos e oportunidades*” que contribuiu muito para aumentar a crise na região. Apesar de metodologicamente não ser um levantamento etnográfico das comunidades da Serra do Amolar, como os próprios autores relatam ao afirmarem que só permaneceram no campo por sete dias, os autores fazem questão de preconceitosamente utilizarem termos como “pobres rurais” na tentativa de descaracterizar as comunidades locais, insinuando que as pessoas que lá vivem não passam de oportunistas que se dizem tradicionais a fim de obterem algum benefício. Mas quais benefícios?

Diante das situações descritas acima, Costa (2000) defende que não é possível fechar os olhos para o fato em si, é preciso potencializá-lo a ponto dele mesmo se ultrapassar e permitir enxergar o para além daquilo que é dito no não dito. Com isso, fica evidente que os saberes do cotidiano têm papel fundamental na reprodução de indivíduos, sociedades e culturas. É importante observar ainda o alerta feito por Ianni (2004) ao defender que a história do mundo moderno está registrada principalmente em narrativas. Elas são constantemente desafiadas a captar o visível e o invisível, a realidade e a interpretação que os pesquisadores fazem dela.

Falas interrompidas e sussurros, muitas vezes inaudíveis que revelam as precárias condições de trabalho e da própria existência. De acordo com Buber (2001) só por meio de um modelo dialógico é possível perceber com melhor clareza a posição dos interlocutores. E, foi pensando em dialogar com os ribeirinhos, que consegui sentir a dor de uma existência roubada. Arendt (2010) defende que o ser humano que vive privado das condições básicas de sua existência está privado da própria condição humana de estar com os outros no mundo. É como se ele nunca se desse a conhecer. É um sistema escravocrata muito bem disfarçado pelo próprio poder público e pela sociedade para que as autoridades educacionais e sanitárias não se sintam culpadas pela omissão e por matar de forma sádica os seres humanos que devia proteger e servir.

Mas, é preciso prestar atenção nos fenômenos da exclusão. Até porque, os integrantes da comunidade são, em sua maioria, de acordo com Carreiro (2011) os que permanecem à margem das grandes dimensões institucionais como sistema de educação, saúde e trabalho. Isto significa perceber que os sujeitos desta pesquisa mantêm posição social extremamente frágil. De acordo com Sawaia (2011) se faz necessário colocar no centro das discussões sobre exclusão a ideia de humanidade. Desta forma, é possível perceber que a temática da exclusão gira em torno do sujeito e da maneira como ele se relaciona com o social.

Assim, Sawaia (2011, p.100) defende que ao falar de exclusão e dos conflitos territoriais como os existentes na comunidade tradicional da Barra do São Lourenço, “fala-se de desejo, temporalidade e de afetividade ao mesmo tempo em que de poder, de economia e de direitos sociais”. Wanderley (2011) reforça esta postura ao alertar para o fato de que os excluídos são rejeitados física, geográfica e materialmente do mercado e de suas trocas. Eles também são excluídos, de acordo com Wanderley (2011, pp.18-19), “de todas as riquezas espirituais, seus valores não são reconhecidos, ou seja, há também uma exclusão cultural”. Mas, apesar de toda exploração e exclusão sofridas, eles precisam se reconhecer uns nos outros como membros do mesmo grupo.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se então que fundamentalmente na prática ideológica “preservacionista” ainda enraizada nos gestores das UCs na região e órgãos fiscalizadores, não se compreende o arcabouço do direito consuetudinário na formação desses territórios tradicionais, sua relação público-privada de uso e espaços comunais, ou seja, as regras desse grupo social organizado e seus atos concretos de apropriação. Percebe-se ainda que os gestores de UCs privadas e órgãos fiscalizatórios na região possuem outro entendimento quanto à condição humana, inclusive sobre a questão do direito à propriedade se sobrepôr ao direito à vida, denotando violação dos direitos humanos e constitucional.

Pelo exposto é possível concluir ainda que na maior planície alagável do planeta a vida e a morte giram em torno das águas. São elas que definem o local das moradias, quem entra e quem sai do seu território. Elas regulam a vida e a organização dos ribeirinhos. A renovação passa pelo seu ciclo que possui poder sobre a vida e a morte. Percebe-se ainda que a comunidade acaba sendo excluída pelas transformações que vem ocorrendo no mundo do trabalho, o que só aumenta os problemas sociais existentes no local onde se acumulam as degradações das relações de trabalho.

Também fica evidente no olhar destas pessoas a falta de perspectiva e a

exploração constante que são submetidas. Ali, esquecidos pelo poder público e pelas autoridades, eles tentam viver ou sobreviver enfrentando as condições subumanas a que são expostos diariamente. Observando os moradores, percebe-se que as pessoas possuem um olhar distante de quem é explorado e se acostumou a olhar para baixo na busca do caranguejo ou da tuvira. De tanto ficarem de cabeça baixa para ver os peixes nas telas, alguns não conseguem levantar os olhos. Estão sempre com os olhos focados no chão ou no vazio, como se estivessem num estado de torpor.

REFERÊNCIAS

- ARENDRT, H. **A condição humana**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BRUM, E. & FRIAS, R. (Org.). **A mídia do Pantanal**. Campo Grande: UNIDERP, 2001.
- BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001.
- CARRETEIRO, T. C. A doença como projeto: uma contribuição a análise de forma de filiação e desfiliações sociais. In. SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CHAVES, A. M. & SILVA, P. L. Representações Sociais. In. TORRES, Ana Raquel Rosas [et al]. **Psicologia Social: temas e teorias**. Brasília: Technopolitik, 2011.
- COSTA, M. L. **Levinás: uma introdução**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- IANNI, O. Variações sobre arte e ciência. In. **Revista Tempo Social**. São Paulo: USP, 2004.
- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MAFFESOLI, M. **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- WANDERLEY, M. B. Refletindo sobre a noção de exclusão. In. SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arborização urbana 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Áreas contaminadas 18, 79, 80

Árvores exóticas 147

Árvores nativas 147, 148, 150, 151, 153

Aspectos sociais 92, 93, 94

B

Biodiversidade 27, 28, 30, 31, 35, 37, 38, 42, 62, 75, 76, 81, 84, 86, 87, 90, 118, 122, 123, 129, 149, 150, 151, 153

C

Caatinga 38, 82, 85, 89, 90, 91, 126, 127, 129, 132

Cerrado 38, 39, 48, 49, 50, 82, 84, 90, 111, 148, 153

Conservação dos recursos naturais 132

Criação de áreas verdes 25

D

Degradação ambiental 6, 127

Desenvolvimento sustentável 1, 2, 3, 4, 10, 13, 37, 50, 52, 87, 89, 100, 102, 103, 127, 130, 132, 133, 143, 146, 154

Diversidade 30, 39, 76, 82, 84, 89, 92, 93, 120, 133, 148

E

Educação ambiental 28, 32, 34, 35, 38, 47, 49, 51, 52, 55, 58, 67, 68, 73, 74, 75, 76, 78, 154

Extração mineral 92, 106

F

Fauna 26, 28, 29, 31, 33, 42, 82, 83, 84, 97, 117, 118, 119, 147, 149, 151, 152

I

Impacto ambiental 2, 21, 24, 41, 46, 107

Iniciativas sustentáveis 12

L

Lixo urbano 88, 153

M

Mata Atlântica 32, 34, 38, 80, 82, 84, 87, 90

Meio ambiente 2, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 19, 23, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 47, 50, 55, 60, 61, 64, 74, 76, 77, 78, 80, 88, 90, 92, 93, 97, 98, 102, 104, 105, 110, 116, 123, 126, 127, 129, 130, 137, 141, 143, 144, 153, 160, 167

P

Pantanal 38, 82, 86, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 125

Parques ecológicos urbanos 25

Planejamento sustentável 109

Políticas públicas 1, 10, 11, 16, 23, 26, 29, 36, 60, 92, 93, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 107, 120, 132, 154, 166

Poluição do solo 80, 81, 134, 142

Preservação ambiental 31, 126, 157, 166

Q

Qualidade ambiental 75, 89, 149

Qualidade da água 110, 116

Qualidade de vida 4, 7, 16, 17, 20, 23, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 34, 37, 61, 76, 92, 97, 106, 109, 142, 149, 152, 157

R

Reaproveitamento de resíduos 51

Reciclagem 52, 55, 56, 57, 58, 71, 74, 75, 77, 78, 157, 164, 166, 167, 173

Riscos ambientais 16, 17, 23, 24

Riscos biológicos 16, 20, 21

T


Tratamento de resíduos 130, 131


U


Urbanização sustentável 12


Meio Ambiente:

Impacto do Convívio entre Vegetação, Animais e Homens

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


 **Atena**
Editora


Ano 2020

Meio Ambiente:

Impacto do Convívio entre Vegetação, Animais e Homens

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020